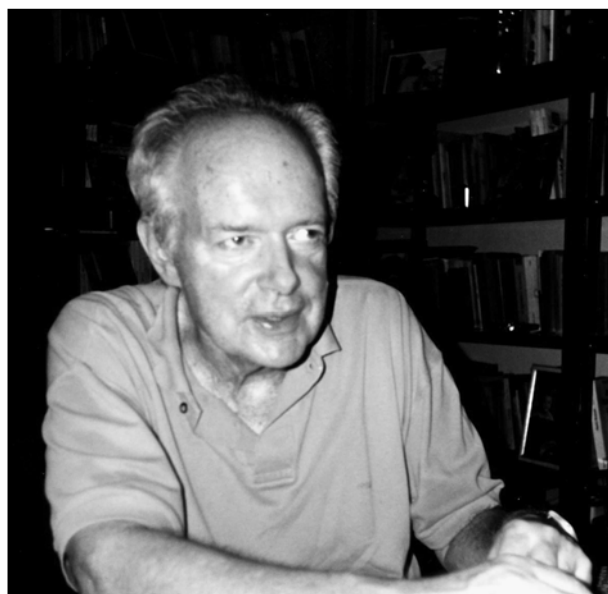

IDEOLOGIA, UTOPIA E CONHECIMENTO: UMA CONVERSA COM LEANDRO KONDER

*Luiz Cavaliere Bazílio**
*Rita Marisa Ribes Pereira***
*Solange Jobim e Souza****

Leandro Konder é uma figura que dispensa apresentações no meio acadêmico. Ainda bem. Difícil traduzir sua competência teórica, sua generosidade e simplicidade. Muito fácil de se compreender quando já se compartilhou do tradicional “cafezinho com o Leandro”, uma espécie de posfácio às suas aulas de Filosofia, regado a conversas descontraídas, questões conceituais e políticas, tudo com muito humor.

É com muita satisfação que realizamos esta entrevista, na medida em que Leandro participou efetivamente de nossa formação, seja como professor, escritor ou como a pessoa amiga que é. Reconhecemos que sua presença no texto que se segue não se restringe às respostas, mas atravessam as perguntas que fizemos, tornando também nossas muitas de suas palavras, incorporadas ao nosso pensar e ao nosso dizer ao longo de uma trajetória compartilhada.

Nesta entrevista exploramos três temas fundamentais: ideologia, utopia e conhecimento, temas sempre presentes na obra de Leandro Konder, um autor que é referência para muitas gerações.



Teias – O tema da ideologia e suas implicações na produção do conhecimento tem sido bastante presente em sua trajetória intelectual, sendo, inclusive, tema do seu próximo livro. Você faz referência a existência de um conceito forte e de um conceito fraco de ideologia. Você poderia falar um pouco sobre essa distinção?

Leandro Konder – Essa distinção é feita por Norberto Bobbio, que aprofunda o *conceito forte* não tanto pela qualidade dele, mas pelas implicações que esse conceito traz com ele, no seu uso. E o *conceito fraco* também não é uma crítica. Se mostra fraco para poder permitir que o trabalho do cientista se desenvolva. Porque a história é a seguinte: você tem um conceito fraco de ideologia que é de certa forma o conceito de Gramsci, o conceito de Lenin, um conceito no qual a ideologia é uma coisa que está aí, é uma distorção, que é superável pelo conhecimento, ou, de qualquer

*Doutor em Educação pela Unicamp. Professor da Faculdade de Educação da Uerj.

**Doutoranda em Educação pela PUC-Rio. Professora da Faculdade de Educação da Uerj.

***Doutora em Educação pela PUC-Rio. Professora da Faculdade de Educação da Uerj e do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

maneira, que é neutralizável pela ação política adequada. Marx nunca classificou as ideologias de conservadoras e reacionárias ou progressistas e revolucionárias; Lenin e Gramsci, sim. Existem ideologias que são conservadoras, outras que são progressistas. Marx nunca fez essa classificação porque adota o conceito forte. Na idéia dele ideologia é conhecimento sim, mas é conhecimento distorcido. Em vez de contrapor ideologia e conhecimento, imagina que a ideologia é distorção do conhecimento e a superação da distorção. O problema é bem mais complicado, porque a ideologia pega carona no conhecimento e exerce sua ação distorcionadora dentro do próprio conhecimento. Então, ele coloca uma questão que eu não vejo como resolver. O conceito forte, para mim, tem o interesse de colocar uma questão para qual os marxistas não encontraram solução.

Teias – Que questões, então, são essas, que movem o seu interesse?

Leandro Konder – O meu interesse pelo conceito forte de ideologia é que ele coloca uma questão que talvez seja insolúvel. Em todo caso, com certeza não foi ainda satisfatoriamente solucionada por ninguém. E o conceito fraco não nos ajuda muito. Não atrapalha, mas também não ajuda. Gramsci e Lenin trabalham com ele de certa forma por outro caminho. Althusser também, com a idéia de superação da ideologia pela Teoria, com T maiúsculo – a ciência.

Agora, o que Marx coloca é um problema que tem a ver com a própria construção do conhecimento. Nas sociedades divididas – e todas as que nós conhecemos são divididas –, nas sociedades onde existe divisão social do trabalho, existem ideologias, existe a distorção ideológica. E como é que isto se dá? Quem é que tem competência, quem é que pode se arrogar o direito de quando assumir o poder, dizer: isso aqui já é pós-ideológico, superou a ideologia, isso aqui é deformado, mas isso aqui não...?

Eu acho que o conceito fraco se presta a isso mais facilmente. O conceito forte levado às últimas conseqüências estoura os quadros dos parâmetros de uma construção de conhecimento excessivamente auto-confiante. Eu gosto dele por causa disso. Os autores ficam em desacordo em torno dele mas, freqüentemente, reconhecem que ele coloca a questão até como uma resposta conclusiva.

Teias – A qualificação em forte e fraco sugere uma compreensão hierárquica entre esses termos e a tendência é uma adesão ao sentido primeiro da palavra. Você acha possível escapar dessa determinação no âmbito da construção conceitual?

Leandro Konder – Eu, na verdade, cito esses dois critérios, mas não trabalho com eles. Eu procuro me concentrar na questão da ideologia como tal, usando o sentido que Marx deu a ela, porque eu estou interessado em saber como a gente pode estimular um movimento que busca se tornar mais crítico e para isso precisa se tornar também mais auto-crítico na construção do conhecimento. A ideologia é uma questão que ajuda nesse sentido, e ajuda atrapalhando.

Teias – Aristóteles falava que todo conceito tem uma extensão e uma compreensão. Compreensão que se aplica àquilo que ele significa e a extensão àquilo que ele abrange. Quanto menor a extensão, maior a compreensão e vice-versa. Deste modo, como fica o conceito de ideologia hoje?

Leandro Konder – Eu acho que ele já era muito complicado e se complicou ainda mais. Tem uma frase do Adorno, que eu gosto muito, que diz: “Todo termo filosófico, todo conceito, por-

tanto, é a cicatriz de um problema irresolvido.” Eu acho que nós estamos condenados a trabalhar com isso. Não podemos – e se pudéssemos, não deveríamos – cair no ceticismo total, pois isso nos paralisaria e prestaria, portanto, um serviço aos nossos adversários.

Então, essa idéia de ceticismo total, paralizador, eu acho que é uma idéia para ser rejeitada preliminarmente, mas, um certo tipo de ceticismo combinado com a disposição para a luta, para a ação, é imprescindível. Nós tendemos a acreditar um pouco depressa demais nas coisas. É porque nós precisamos, nós ansiamos coisas que tenham credibilidade para fortalecer nossa disposição de continuar brigando. Então, um sujeito militante, um ativista, um cara que está na luta, é um cara que sofre, que se apurrinha, se aborrece. Ele precisa ter alguma coisa onde se apoiar, ter confiança; e as doutrinas que dão esses elementos a ele são perigosamente traiçoeiras. Na primeira crise, abandonam, puxam o tapete debaixo dos pés do cara, e o cara se precipita no abismo. Então, a gente precisa aprender a lidar com uma certa auto-relativização dentro dos limites em que ela é compatível com a nossa vontade de transformar, de mudar as coisas. Aí, eu achei que a questão da ideologia ajudaria isso.

Teias – Você está contextualizando a questão da crise da ideologia no mundo de hoje. Olhando para as opções políticas, para a produção teórica, é bastante assustadora essa idéia do fim das utopias, com a queda do bloco socialista, com essa nossa dificuldade de formulação de alternativas, ficamos um pouco órfãos de perspectivas. Que utopias são ainda possíveis?

Leandro Konder – São duas questões interligadas: uma, a da capacidade de a gente se tornar mais crítico e auto-crítico e, outra, a disposição para participar de um movimento transformador e inovador capaz de mudar o mundo – que é o movimento que se expressa na utopia. A utopia, desde o tempo de Marx – Marx até exagerou nisso –, sempre teve um lado problemático que se mostra quando ela é traduzida em programa político. A utopia traduzida em programa político se mostra uma tendência muito intolerante, ela é perigosamente voluntarista. No entanto, apesar disso a gente não pode se desligar dela porque ela é também o que ainda não existe, mas pode vir a existir. Você tem a utopia do não-lugar, o lugar inexistente e que jamais existirá e você tem a utopia do lugar inexistente, mas que pode vir a existir. Se ele pode vir a existir, a utopia se torna um estímulo muito valioso para a ação, para o movimento. Ernst Bloch, que é um dos marxistas mais simpáticos da utopia, insiste muito nisso: o ainda não ser é fundamental. É a única maneira de a gente pensar o Ser sem se deixar iludir pela completude dele. O Ser é incompleto, por isso mesmo, modificável. E aí, se a gente não reconhecer isso, a gente perde a dimensão histórica da nossa perspectiva e não toma mais iniciativas para travar uma batalha pela transformação da sociedade, pela criação de um mundo novo. Se a gente ao mesmo tempo desconfia da utopia, a gente precisa do espírito da utopia. Existe um movimento extremamente hostil, sistematicamente descritivo em relação ao conceito de utopia. Ninguém discute mais a utopia como um lugar não-existente que pode vir a existir. Dão por suposto que a utopia é um lugar inexistente e que nunca vai existir. E quem começa a querer que ele exista é taxado como gente meio maluca ou safada. Eu acho esse ponto de vista horrível.

Teias – Em seus escritos, em suas aulas, você costuma chamar a atenção para se pensar sobre nossa postura no mundo, entendendo-a sempre como ligação entre o individual e a sociedade, como expressão dos modos como esse indivíduo e a sociedade acabam se refazendo, se redese-

nhando e se implicando nos valores construídos. Como relacionar esta questão de fundo ético com o tema da ideologia?

Leandro Konder – Os indivíduos, na medida em que eles se conhecem, se solidarizam com a realidade deles, eles reconhecem as suas limitações na inserção em movimentos coletivos, reconhecem a verdadeira dimensão de homem social que eles têm. Eles são indivíduos porque são seres sociais. Ao mesmo tempo, na medida em que se proclama uma “crise das esquerdas”, vem a idéia de que o indivíduo deve cada vez mais se pensar em contraposição ao social, pois é aí que ele é independente, aí que ele é livre, e aí que ele é autônomo. Então, o modelo do homem burguês, do indivíduo autônomo, competitivo, empreendedor, na verdade é o modelo de um ideal individualista, não é de valorização do indivíduo – o individuo real não é isso. Isso é um individuo ideal que é proposto independente em relação às suas raízes, em relação à sociedade da qual ele é parte, parte de um grupo. E porque os indivíduos não percebem isso? Porque eles estão já envolvidos por essa ideologia dominante que se fortaleceu muito depois da quebra do bloco socialista.

Teias – Afirmando a importância da utopia na produção do conhecimento, podemos dizer que ela, em diferentes momentos e contextos, nos arrasta a produzir mais, a conhecer mais, porque nos oferece desafios. Entretanto, neste mundo homogeneizado, pasteurizado, em que talvez o grande desafio é fazer um software para ver como vão variar as taxas bancárias, como valorizar a produção intelectual?

Leandro Konder – Com certeza essa é a grande vitória da ideologia dominante. A ideologia dominante conseguiu uma coisa que ainda não tinha conseguido nos períodos anteriores. Ela conseguiu criar uma espécie de consciência implícita em torno da aceitação dos critérios comuns que deverão ser adotados por todos, que deverão ser comuns a todos. Que, na verdade, são critérios absolutamente plácidos, mal definidos, mas que são vividos, são assumidos pelas pessoas como se fossem a ciência dando a sua última palavra. Então, é uma coisa meio grotesca esse pensamento pouco diferenciável, sobretudo por causa das pessoas que falam muito da importância das diferenças e pensam muito parecido. Então, é uma situação meio patética, eu acho. Eu tenho idéia de que haverá um instante em que nós vamos ter oportunidade de agir com maior desenvoltura. Até acho estranho que a gente ainda não esteja conseguindo atuar tanto quanto eu esperaria diante dessa construção frágil, que é eficiente do ponto de vista prático, mas do ponto de vista teórico é muito frágil. Essa aparente homogeneidade de pensamento que eles propõem e impõem, de certa forma, à sociedade, é muito obviamente falsa para que na nossa luta nós não consigamos fazer, com alguns resultados, questionar alguns dos padrões de verdade. Eu acho que a gente tem que recuperar o espírito da utopia, sim. Uma certa utopia complementa, necessariamente, a nossa capacidade de compreender a realidade naquilo que ela ainda não é. De certa forma, a utopia é uma das formas da nossa transcendência geracional ao que está aí, no presente. Vários pensadores, inclusive alguns religiosos e místicos, pensaram nisso, e a esquerda ainda não pensou suficientemente, não desenvolveu bastante isso. Gramsci dizia que a transcendência da esquerda é sempre só para o futuro. Não é para o além, não é para o outro mundo. O problema é que eu desconfio que não dá para separar completamente o futuro e o além, porque são muito aleatórios. Então, de certa forma, muitos religiosos e místicos que pensam a transcendência para o além, muitas vezes, formulam idéias que se aplicam

com algumas modificações críticas às questões que aparecem na nossa relação com os projetos de futuro que nós alimentamos e são parte da nossa construção de conhecimento, a nossa proposta.

Teias – Essa dimensão de futuro não estaria sendo destituída de seu significado, exatamente por conta de todas essas questões que o próprio Walter Benjamin já alertou há bastante tempo, que era a falta de se ter um contato com as histórias que são contadas, dar valor a uma experiência que se constrói. No entanto, tudo isto se relaciona com a utopia na medida em que a utopia é algo que aponta para um futuro que você vai construir, que tem algo de alcançável, mas que depende também de um investimento, de um investimento processual, um investimento que tem uma história. Assim sendo, em que medida a suposta derrocada do conceito de utopia está ligada ao fato de que as coisas estão ficando cada vez mais destituídas dessa duração, dessa espera, uma vez que tudo é muito imediato, efêmero?

Leandro Konder – Com certeza. Essas questões são todas interligadas. Esse esvaziamento da nossa capacidade de projetar, de propor um futuro convincente, de mobilizar pessoas para lutarem por ele, tem a ver com a nossa dificuldade de resgatar a dimensão significativa das lutas do passado e de encarar o presente com toda a sua dureza. Todas essas coisas estão interligadas. Uma consequência disso também é a pobreza da reflexão sobre o tempo. Recentemente, eu li um livro de um autor francês, Bensaid?, que propõe a idéia de que há em Marx uma reflexão sobre o tempo, que pressupõe um conceito de tempo bem mais rico e mais complexo do que os marxistas reconheceram até agora. Ele diz que um possível precursor de Marx nessa reflexão sobre o tempo seria Santo Agostinho. Eu achei uma audácia, mas uma audácia muito simpática. Porque o que ele diz é o seguinte, ele cita realmente Santo Agostinho: o que nos permite pressupor a nossa capacidade de medir o tempo, se é o tempo que mede tudo? Todo o espaço é medido em termos de tempo. Então, com que direito nós medimos o tempo? O tempo escapa da nossa compreensão do existente, o tempo é um dos desafios que nos obriga a transcender o que está aí. Isso é interessante, é estimulante. Seria uma maneira de nós reagirmos contra essa situação de empobrecimento que nós estamos constatando que atinge vários conceitos, várias construções teóricas do nosso campo.

Teias – Ainda relacionado à questão do tempo: percebemos que nosso cotidiano vêm se organizando muito em torno dessa idéia do efêmero – tudo passa, tudo muito rapidamente. Na contramão disso, você aponta para a necessidade de pensar a produção do conhecimento numa perspectiva que, de fato, recoloca os sujeitos na sua história, que não os exproprie dela. Nesse sentido, como você vê a possibilidade de buscar no efêmero uma abertura para o reconhecimento do novo, de modo que não haja uma recusa deste pelo simples fato de ser efêmero, como se, naturalmente, fosse algo infértil?

Leandro Konder – No início, eu reagi com certa desconfiança a essa idéia, mas hoje eu acho ela simpática. Evidentemente, a cultura pós-moderna tem seus pontos fortes, tem sua razão de ser. Embora essa cultura pós-moderna me pareça muito confusa e o pensamento pós-moderno acentue o trabalho em cima dessa confusão. Seria um pensamento muito acentuadamente ideológico, a meu ver. Agora, não quer dizer que a cultura pós-moderna seja totalmente desinteressante. É verdade que o efêmero tem alguma coisa a nos dizer, mas a popularidade dele em vigor me preocupa. Me preocupa também em contrapartida disso – do crescimento do efêmero – o abandono do duradouro. Alguns valores estão se perdendo na perspectiva do progresso. O desenvolvimento tecnológico, a

rapidez com que as coisas estão mudando, todos esses fatores estão trazendo com eles uma confusão muito grande e um efeito paralisador. Aí se estabelece o confronto: paralisar a ação, não! Porque se paralisar a ação nós tenderíamos a cometer o erro que Benjamin evitou o tempo todo, que é esperar a morte natural do capitalismo. Nós não podemos cometer esse erro. É preciso que o novo preserve alguma coisa de essencial que vem na bagagem do velho.

Teias – Como você vê a diferença entre conhecimento e informação? Haveria um paralelo entre essa dimensão aligeirada das coisas, da falta de profundidade e a compreensão de que hoje está faltando tudo? Na própria universidade, a gente vê hoje como que tudo é muito aligeirado, essa proliferação de universidades de baixa qualidade, onde o que está mais em pauta é a rapidez – formar pessoas com conhecimentos descartáveis para servir a um mercado descartável; pessoas que vão entrar para um emprego, mas que também vão ser demitidas com certa facilidade. Como nós, educadores, poderemos pensar uma contracultura em relação a essa dimensão de formação do conhecimento. Essa pergunta se faz necessária porque quando a gente está querendo fazer um trabalho sério no campo da Educação, nós precisamos ver com clareza qual o conceito de conhecimento estamos querendo construir.

Leandro Konder – Se tudo se reduz à informação, a informação vale enquanto é nova, enquanto é uma novidade, enquanto ela tem inserção funcional. Se o conhecimento não trabalha a informação criticamente, o conhecimento sofre uma derrota, capitula diante da informação e se sacrifica como conhecimento. Deixa-se reduzir a uma coisa inexpressiva e insignificante. A informação tem uma importância muito grande enquanto serve ao conhecimento. O conhecimento é o grande desafio que o homem enfrenta. O desafio não é propriamente da informação. Benjamin dizia que não há informações capazes de levar à conclusão – que ele dizia que era a conclusão a que tinha chegado a geração dele e na verdade era a conclusão a que ele tinha chegado – de que o capitalismo não vai morrer de morte natural. Se o capitalismo não vai morrer de morte natural, isto significa que nós dispomos sobre ele um conhecimento que nos obriga a pensar em como matá-lo. Nós não temos as respostas, mas elas podem ser dadas de vários modos, seja com o fanatismo religioso, seja com a utopia.

Teias – Problematizando os conceitos de rapidez e de duração, percebemos que o movimento tecnológico hoje é um aprendizado que faz com que as pessoas se insiram num outro tipo de experiência, numa outra lógica, numa outra estética, comprometidas com a rapidez. Mas ao mesmo tempo, nós sabemos que ao termos uma crítica disso, nós podemos utilizar toda essa tecnologia para que a gente incentive a duração, a profundidade. Por exemplo, a internet: a gente tem formas de interagir com esse instrumento de uma maneira extremamente superficial, posto que há mais quantidade de informações do que propriamente qualidade. Entretanto, você também pode interromper esse movimento e buscar profundidade. Um grande desafio que se coloca para a educação hoje é de como lidar com essa efemeridade e construir parâmetros para trabalhar a profundidade e a duração, uma vez que todos os estímulos externos nos exercitam para a dispersão. Como nós educadores, professores podemos ajudar nisso? Como produzir conhecimento e não somente informação?

Leandro Konder – O material que vem dessa diversidade de informações, não só da internet, mas pela programação da televisão, esse material é surpreendente porque dentro de certos limites traz com ele uma certa riqueza de conhecimento potencial e, ao mesmo tempo, traz muita mistificação, muita mentira, muita distorção ideológica. Então, de certa forma o senso crítico é funda-

mental. O professor deveria trabalhar o conhecimento sempre criticamente, isto é, em diálogo. Se eu passo uma mensagem crítica para um aluno reduzido à passividade, na verdade eu estou sendo infiel ao espírito da crítica que eu estou querendo fortalecer. Eu só fortaleço a crítica se eu tiver capacidade de me sintonizar na onda do meu interlocutor, e ele reconhecer a dimensão crítica que eu estou levando para ele, que eu estou querendo fortalecer. Se ele não reconhecer isso ativamente e ficar na posição de receptor passivo, eu estou falhando. Então, o educador tem que estar muito atento a isso. O professor precisa ficar atento a isso, ele não pode se limitar a “dar o recado”. Ele precisa perceber se está conseguindo sintonizar na onda dos alunos, está conseguindo dialogar com os alunos, está conseguindo fazer com que o aluno entenda o que ele está propondo, o que ele está criticando. Agora esse é um trabalho difícil porque nós conseguimos resultados individualmente, mas esse trabalho depende de uma operação coletiva, de uma mobilização mais ampla para poder produzir resultados maiores, inclusive depende da articulação dessa atividade crítico-didática e a movimentação política prática. Enquanto o movimento de massa estiver desestruturado, enfraquecido, é difícil a gente pensar nessa articulação como uma coisa que pode dar certo, que pode fortalecer o pensamento crítico. O pensamento crítico depende dessa mobilização. Eu queria lembrar um poema do Brecht, de três versos apenas, que aponta para a crítica dos limites do ceticismo, da dúvida. Brecht sempre foi favorável à dúvida dialética, mas a dúvida dialética não pode ser absoluta. Diz ele: “Só acredite no que seus ouvidos ouvem e em que seus olhos vêem. Não acredite nem no que seus ouvidos ouvem e em que seus olhos vêem. E saiba que não acreditar ainda é acreditar”.

A gente acredita sempre, até na descrença. Não tem como estar vivo sem acreditar em alguma coisa. Então, trata-se de pensar em como nos relacionarmos com aquilo em que nós acreditamos. Eu não vou deixar de acreditar no que eu acredito. O que eu tenho é que me relacionar com o outro dialogicamente, bakhtianamente, sustentando o que eu acredito em confronto com aquilo em que o outro acredita para ver se de repente sai alguma coisa. Isso é um pouco do trabalho que a gente faz como professor. Ou então, do trabalho que deveria fazer...